

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E IMPACTOS PARA A HUMANIZAÇÃO DO PARTO: UMA  
REVISÃO INTEGRATIVA**

**OBSTETRIC VIOLENCE AND IMPACTS ON THE HUMANIZATION OF CHILDBIRTH:  
AN INTEGRATIVE REVIEW**

**VIOLENCIA OBSTÉTRICA E IMPACTOS EN LA HUMANIZACIÓN DEL PARTO: UNA  
REVISIÓN INTEGRADORA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-010>

**Data de submissão:** 04/10/2025

**Data de publicação:** 04/11/2025

**Lourdes Maria Pereira**  
Acadêmica de Enfermagem  
Instituição: Centro Universitário Santa Terezinha (CEST)  
E-mail: rebecalmp12@gmail.com.br  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3268-8424>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3159960465400158>

**Raylene Frazão Lindoso**  
Mestranda em Enfermagem  
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
E-mail: raylene.frazao@discente.ufma.br  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7921-3380>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4378443976173945>

**Ana Victoria Frazão Corrêa Arrais**  
Acadêmica de Medicina  
Instituição: Faculdade de Tecnologia de Teresina (CET)  
E-mail: victoria.arrais21@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3425-5455>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5238631707072104>

**Rita da Graça Carvalhal Frazão Corrêa**  
Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem  
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
E-mail: rita.carvalhal@ufma.br  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6451-5156>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6872046904873372>

**Roseane Lustosa de Santana**  
Docente do Curso de Enfermagem  
Instituição: Centro Universitário Santa Terezinha (CEST)  
E-mail: roseanelustosa@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6689-9686>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4972570793699348>

## RESUMO

**Introdução:** A violência obstétrica representa uma grave violação dos direitos humanos e da assistência humanizada ao parto, manifestando-se por meio de práticas desrespeitosas, abusivas e desnecessárias durante o atendimento à gestante. **Objetivo:** Analisar os impactos da violência obstétrica na promoção da humanização do parto, considerando suas implicações na atenção ao parto e nascimento. **Método:** Estudo do tipo revisão integrativa com coletas realizadas por meio das bases de dados PubMed, Scielo, Lilacs e BVS. Tendo como questão norteadora: "Quais os impactos da violência obstétrica na humanização do parto e saúde da mulher?" Foram selecionados dez artigos que atendiam aos critérios de seleção, e são apresentados por meio da construção de um quadro sinóptico, contendo título do estudo, periódico, ano de publicação, abordagem, resultados, além de categorias temáticas associadas à violência obstétrica. **Resultados:** A depressão pós-parto, dificuldades no vínculo com o bebê, insatisfação com o serviço de saúde e perda de confiança nos profissionais, estão associados aos atos de violência obstétrica sofrido pelas mulheres. **Conclusão:** Destaca-se que a falta de capacitação sobre humanização do parto, falta de informação sobre os direitos das mulheres na assistência ao parto e nascimento e falta de adesão às boas práticas obstétricas contribuem para a violência obstétrica.

**Palavras-chave:** Violência Obstétrica. Humanização do Parto. Parto Normal. Saúde da Mulher.

## ABSTRACT

**Objective:** To analyze the impacts of obstetric violence on the promotion of humanized childbirth, considering its implications for labor and birth care. **Method:** Integrative review study with data collected from PubMed, Scielo, Lilacs, and BVS databases. The guiding question was: "What are the impacts of obstetric violence on the humanization of childbirth and women's health?". Ten articles that met the selection criteria were selected and presented in a synoptic table containing the study title, journal, year of publication, approach, results, and thematic categories associated with obstetric violence. **Results:** Postpartum depression, difficulties in bonding with the baby, dissatisfaction with health services, and loss of trust in professionals are associated with obstetric violence suffered by women. **Conclusion:** It is noteworthy that a lack of training on the humanization of childbirth, a lack of information about women's rights in labor and birth care, and a lack of adherence to good obstetric practices contribute to obstetric violence.

**Keywords:** Obstetric Violence. Humanization of Childbirth. Natural Childbirth. Women's Health.

## RESUMEN

**Introducción:** La violencia obstétrica constituye una grave violación de los derechos humanos y de la atención humanizada del parto, manifestándose a través de prácticas irrespetuosas, abusivas e innecesarias durante la atención a las mujeres embarazadas. **Objetivo:** Analizar el impacto de la violencia obstétrica en la promoción de un parto humanizado, considerando sus implicaciones para el parto y la atención neonatal. **Método:** Estudio de revisión integrativa con datos recopilados de las bases de datos PubMed, SciELO, LILACS y BVS. La pregunta guía fue: "¿Cuáles son los impactos de la violencia obstétrica en la humanización del parto y la salud de las mujeres?". Se seleccionaron diez artículos que cumplieron con los criterios de selección y se presentan en una tabla sinóptica, que incluye el título del estudio, la revista, el año de publicación, el enfoque, los resultados y las categorías temáticas asociadas con la violencia obstétrica. **Resultados:** La depresión posparto, las dificultades para establecer un vínculo con el bebé, la insatisfacción con los servicios de salud y la pérdida de confianza en los profesionales se asocian con actos de violencia obstétrica sufridos por las mujeres. **Conclusión:** Se destaca que la falta de capacitación en la humanización del parto, la falta de información sobre los derechos de las mujeres durante el parto y la atención del alumbramiento, así como la falta de adhesión a las buenas prácticas obstétricas, contribuyen a la violencia obstétrica.

**Palabras clave:** Violencia Obstétrica. Humanización del Parto. Parto Normal. Salud de la Mujer.

## 1 INTRODUÇÃO

O parto se configura como um momento significativo na vida da mulher, pois estabelece a transição da mulher para um novo papel social: o de ser mãe. Entretanto, esse evento perpassa por aspectos psicológicos, emocionais e sociais, sendo vivida de forma individual para cada mulher, onde a cultura tem forte influência. Este processo de nascer era exercido por parteiras, também conhecidas por comadres, no próprio espaço domiciliar da parturiente, na companhia de pessoas conhecidas e de confiança dela. No entanto, com os passar dos anos o parto se tornou institucionalizado, e o saber médico se tornou predominante, dando origem à medicalização do parto (Castro; Rocha, 2020).

A violência obstétrica afeta inúmeras mulheres durante a gravidez e o parto, constituindo um tipo de violência de gênero que impacta negativamente a autoestima e a confiança da mulher em relação ao processo gestacional sendo considerada uma violação dos direitos das mulheres grávidas, incluindo a perda de autonomia e decisão sobre seus corpos (Bezerra *et al.*, 2022). Violência obstétrica pode ser definida como maus-tratos físicos, psicológicos e verbais, incluindo práticas intervencionistas desnecessárias, entre elas: episiotomia, clister, tricotomia, ocitocina de rotina, ausência de acompanhante e cesariana sem indicação (Castro; Rocha, 2020)

A incorporação de práticas violentas ao parto data do final do século XIX, quando o parto deixou de pertencer ao feminino e passou a abranger a prática médica, pelo controle do evento biológico do parto. A hospitalização gerou um aumento de intervenções e culminou com vários tipos de violência, desde a negligência na assistência ao uso indiscriminado de intervenções sem evidências científicas (Teixeira *et al.*, 2020).

Apesar dos avanços nas políticas públicas, como a Política Nacional de Humanização (PNH) e a Rede Cegonha, a humanização do parto ainda enfrenta diversos entraves. A precarização do trabalho em saúde, a escassez de recursos, a cultura institucional hierarquizada e a formação profissional centrada em um modelo biomédico contribuem para a manutenção da violência obstétrica e a dificuldade na efetivação de um cuidado respeitoso e centrado na mulher (Lemos *et al.*, 2019; Lima *et al.*, 2022).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reforça que o parto deve ser conduzido com base na dignidade, no respeito e no empoderamento da mulher. Práticas como permitir a presença do acompanhante, garantir a escolha da posição de parto e promover a escuta ativa são consideradas essenciais para a humanização da assistência obstétrica (OMS, 2018).

Nesse contexto, a enfermagem exerce um papel central na promoção do parto humanizado, na defesa dos direitos das mulheres e na prevenção da violência obstétrica. Como profissional com presença constante ao lado da parturiente, os enfermeiros são fundamentais na escuta qualificada, no

respeito à autonomia da mulher e na adoção de práticas baseadas em evidências e no cuidado centrado na pessoa. Além disso, é papel ético e legal da enfermagem denunciar e combater práticas abusivas, bem como atuar na educação em saúde e na formação crítica de profissionais comprometidos com os direitos reprodutivos (Souto *et al.*, 2022).

Destaca-se que a formação contínua dos profissionais de enfermagem é crucial para reconhecer e evitar práticas que caracterizam violência obstétrica. A sensibilização para a importância do cuidado centrado na mulher e a compreensão das implicações éticas e legais dessas práticas são fundamentais para a mudança de paradigma na assistência obstétrica (Andrade *et al.*, 2025).

A violência obstétrica é, portanto, tema de relevância para a política pública de saúde da mulher e da criança, assim como para a formação dos profissionais de saúde tendo em vista a necessidade de mudança das práticas assistenciais.

Diante desse contexto, o objetivo geral deste estudo é analisar os impactos da violência obstétrica na promoção da humanização do parto, considerando suas implicações na atenção ao parto e nascimento.

Neste estudo pretende-se ainda: identificar as principais manifestações da violência obstétrica nos serviços de saúde; discutir as consequências físicas, emocionais e sociais da violência obstétrica para as mulheres e relacionar como a violência obstétrica compromete os princípios da humanização do parto.

## 2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa, por meio da síntese dos conhecimentos atuais relacionados à violência Obstétrica. De acordo com Mendes *et al.*, (2019), a pesquisa analisa e sintetiza as informações por meio de um processo organizado e minucioso. Foram seguidas seis etapas para condução da presente revisão de literatura: 1<sup>a</sup> fase: Elaboração da pergunta norteadora; A definição da pergunta norteadora é a fase mais importante da revisão, pois determina quais serão os estudos incluídos, os meios adotados para a identificação e as informações coletadas de cada estudo selecionado. Neste trabalho, buscou-se responder à seguinte pergunta: "*Quais os impactos da violência obstétrica na humanização do parto e saúde da mulher?*" A 2<sup>a</sup> Fase: busca ou amostragem na literatura; destacando que a busca em base de dados deve ser ampla e diversificada, contemplando a procura em bases eletrônicas; 3<sup>a</sup> fase: Coleta de dados; faz-se necessário a utilização de um instrumento capaz de assegurar que dados relevantes sejam extraídos, minimizar o risco de erros na transcrição, garantir precisão na checagem das informações e servir como registro; 4<sup>a</sup> fase – Análise crítica dos estudos incluídos; análoga à análise dos dados das pesquisas convencionais, esta fase demanda uma

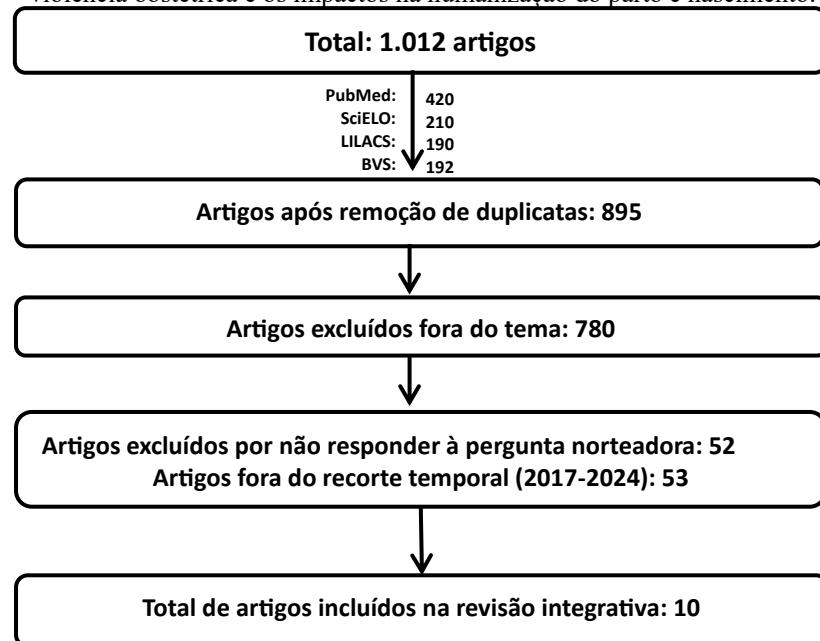
abordagem organizada para ponderar o rigor e as características de cada estudo; 5<sup>a</sup> fase: Discussão dos resultados; nesta etapa, a partir da interpretação e síntese dos resultados, comparam-se os dados evidenciados na análise dos artigos ao referencial teórico. 6<sup>a</sup> fase: Apresentação da revisão integrativa; a apresentação da revisão deve ser clara e completa para permitir ao leitor avaliar criticamente os resultados.

A busca dos dados ocorreu em bases de dados eletrônicas: PubMed, Scielo, Lilacs e BVS. Para a busca nas bases de dados foram utilizados os seguintes Descritores de Ciências da Saúde (DeCS): Violência obstétrica; Parto humanizado; Direitos sexuais e reprodutivos e Parto Normal. Desse modo, as palavras chaves foram combinadas com os operadores booleanos *and* e *or*. Os operadores booleanos permitem a combinação de termos e o refinamento das buscas em bases de dados científicas. As combinações dos DeCS deram-se da seguinte forma: Violência Obstétrica *and* Humanização do Parto; Violência Obstétrica *and* Saúde da Mulher; Violência Obstétrica *and* Direito reprodutivo; Violência Obstétrica *and* Parto normal; Violência Obstétrica *or* Abuso Obstétrico; Humanização do Parto *or* Assistência Humanizada ao Parto. A aplicação dessas técnicas contribui para uma análise mais precisa e fundamentada sobre o tema, auxiliando na produção de conhecimento científico.

Foi utilizado o protocolo PRISMA, que consiste em um checklist que detalha as recomendações de relato para cada item que deve conter na revisão integrativa.

Os trabalhos considerados foram publicados entre os anos de 2017 e 2024 e abordaram a violência obstétrica. Foram incluídos estudos que respondessem à questão da pesquisa sobre o impacto da violência obstétrica durante o parto e nascimento, publicados em português e inglês. Os critérios de exclusão incluíram artigos repetidos entre as bases de dados, dissertações, teses e documentos informativos (Figura 1).

Figura 1: Fluxograma de seleção de artigos publicados no período de 2017 a 2024, para a revisão integrativa sobre a violência obstétrica e os impactos na humanização do parto e nascimento.



Fonte: Autores.

### 3 RESULTADOS

A amostra foi composta por 10 estudos publicados entre 2017 e 2024, com enfoque nos impactos da violência obstétrica na humanização do parto. Para a extração e análise dos dados, foi utilizado uma matriz de síntese (quadro sinóptico) contendo informações sobre o autor, ano de publicação, título, objetivo do estudo, metodologia utilizada e principais resultados (Quadro1).

Quadro 1 – Síntese dos estudos selecionados sobre os impactos da violência obstétrica na humanização do parto. São Luís- MA, 2025.

Autor/ Ano	Título	Objetivo	Metodologia utilizada	Principais resultados
Oliveira e Souza. 2019	A percepção da violência obstétrica por profissionais de saúde	Investigar como profissionais da obstetrícia reconhecem e lidam com situações de violência obstétrica	Estudo qualitativo, com enfermeiras obstétricas por meio de grupos focais	Reconhecimento limitado da violência, naturalização de prática abusivas. Falta de capacitação sobre humanização do parto
Silveira <i>et al.</i> , 2019	The association between disrespect and abuse of women during childbirth and postpartum depression:	Avaliar a associação entre desrespeito e abuso durante o parto e depressão pós-parto.	Estudo transversal com 4.244 mulheres participantes da coorte de nascimentos de Pelotas de 2015.	Identificou uma relação dose-resposta, onde o risco de depressão pós-parto aumentou conforme o número de atos de violência obstétrica sofridos.

	findings from the 2015 Pelotas birth cohort study			
Machado; Barros; Guimarães, 2021	Violência obstétrica e reflexos na vida da mulher: Uma revisão integrativa	Analizar os reflexos da violência obstétrica na vida da mulher durante o período gestacional	Revisão integrativa de 13 artigos nas bases BVS, SCIELO, LILACS, BDENF	Fatores como medo, insegurança, e falta de informação sobre direitos são destacados como consequências da violência.
Neves et al., 2023	Os impactos da violência obstétrica na saúde de mulheres	Analizar os impactos da violência obstétrica na saúde das mulheres.	Estudo quantitativo, realizado com 157 puérperas em unidades de atenção primária	Atos violentos nos atendimentos às parturientes ainda ocorrem, destacando a necessidade de adesão às boas práticas obstétricas.
Souza et al., 2021	A desinformação e sua relação com violência obstétrica: uma revisão integrativa	Evidenciar como a desinformação contribui para a ocorrência da violência	Revisão integrativa da literatura.	A falta de conhecimento e ausência de humanização na assistência ao parto são fatores que contribuem para a violência obstétrica.
Medeiros Neto et al., 2020	Violência obstétrica institucional no parto e nascimento: revisão integrativa	Analizar a relação entre a saúde da mulher e violência obstétrica no parto e nascimento no Brasil.	Revisão integrativa da literatura.	Identificou práticas inadequadas e violentas durante o parto
Pinheiro; Barbosa; Rodrigues, 2023	Reflexos da violência obstétrica na saúde mental das mulheres: uma Revisão Integrativa da literatura	Investigar os impactos psicológicos da violência obstétrica em mulheres, com ênfase em sintomas de depressão e ansiedade.	Revisão integrativa de 18 artigos científicos publicados entre 2018 e 2023.	A violência obstétrica está associada a consequências como depressão pós-parto, transtorno de estresse pós-traumático, insatisfação com o serviço de saúde e perda de confiança nos profissionais.
Andrade et al., 2025	Educação em Saúde como Forma de Prevenção da Violência Obstétrica: Uma Revisão Integrativa	Compreender a importância da educação em saúde como forma de prevenção da violência obstétrica.	Revisão integrativa da literatura	Negligência e fragilidade de conhecimento dos enfermeiros, dessa forma precarizando as ações de educação em saúde e perpetuando as más práticas de assistência ao parto.
Leite et al.,	Association between	Investigar se a violência	Análise de dados da pesquisa	Mulheres que sofreram violência obstétrica apresentaram menor

2021	mistreatment of women during childbirth and postnatal maternal and child health care: findings from “Birth in Brazil”	obstétrica afeta a busca por serviços de saúde pós-natais.	“Nascer no Brasil”	probabilidade de buscar serviços de saúde pós-natais para si e para seus bebês, especialmente entre usuários do SUS.
Cardeal; Brito, 2021	Impactos emocionais da violência obstétrica	Analizar os efeitos psicológico da violência no parto.	Estudo transversal com puérperas	Mulheres afetadas relataram traumas, depressão e dificuldade no vínculo com o bebê.

Fonte: autor, 2025

Quanto à síntese das publicações encontradas nas bases de dados analisadas, foi possível agrupá-las, em quatro categorias de análise temática por similaridade associadas à violência obstétrica e os impactos na humanização do parto, relacionados às principais manifestações da violência obstétrica nos serviços de saúde; consequências físicas, emocionais e sociais da violência obstétrica; violência obstétrica e repercussões para os princípios da humanização do parto e nascimento; violência obstétrica e aspectos associados à prevenção e promoção do parto humanizado. (Quadro 2).

Quadro 2 – Relação entre a violência obstétrica e os conteúdos temáticos analisados. São Luís - MA, 2025

Categorias temáticos	Impactos da violência obstétrica X repercussões na humanização do parto
Principais manifestações da violência obstétrica nos serviços de saúde.	Tipos de violência obstétrica (verbal, física, psicológica, institucional). Procedimentos sem consentimento, ausência de analgesia, medicalização excessiva e ausência de boas práticas obstétrica.
Consequências físicas, emocionais e sociais da violência obstétrica.	Trauma psicológico, insatisfação com o parto, depressão pós-parto, perda de confiança nos profissionais, impacto na relação mãe-bebê e insatisfação com o serviço de saúde.
Violência obstétrica e repercussões para os princípios da humanização do parto e nascimento.	Desrespeito à autonomia; medo, insegurança, a menor probabilidade de buscar serviços de saúde pós-natais para si e para seus bebês, especialmente entre usuários do SUS.
Violência obstétrica e aspectos associados à prevenção e promoção do parto humanizado.	Acolhimento, escuta qualificada, informações sobre os direitos da mulher, capacitação dos profissionais sobre humanização e adesão das boas práticas obstétricas.

Fonte: Autores.

#### 4 DISCUSSÃO

A presente revisão integrativa evidenciou que a violência obstétrica continua sendo uma prática nos serviços de saúde, com consequências para a saúde física, psíquica e emocional das mulheres. A

análise dos estudos revela que essa violência se expressa de diversas formas, incluindo a negligência, o abuso verbal, a realização de procedimentos sem consentimento, a recusa de analgesia e a medicalização excessiva do parto todas as condutas que contrariam os princípios da humanização da assistência obstétrica (Silva *et al.*, 2019; Pinheiro; Barbosa; Rodrigues, 2023).

Apesar dos avanços na legislação e nas diretrizes de atenção à saúde da mulher, a violência obstétrica ainda é naturalizada por profissionais e instituições. Como apontado por Oliveira *et al.*, (2020), há um reconhecimento limitado dessa prática por parte da equipe de saúde, o que contribui para sua invisibilidade e perpetuação.

O parto, ao longo do tempo, foi sendo retirado do espaço feminino, domiciliar e comunitário, para ser institucionalizado e controlado por saberes biomédicos. Essa transição histórica, contribuiu para o apagamento do protagonismo feminino, que ainda hoje permeia muitos serviços de saúde (Castro; Rocha, 2020).

Os estudos analisados apontaram que as práticas violentas durante o parto estão associadas a diversas consequências psicológicas, como depressão pós-parto, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, sentimento de culpa, medo de engravidar novamente e insatisfação com os serviços de saúde (Silveira *et al.*, 2019; Vasconcelos, 2024). Esses impactos revelam que a violência obstétrica extrapola o momento do parto, repercutindo negativamente no vínculo mãe-bebê, na amamentação e na saúde mental a longo prazo (Pinheiro; Barbosa; Rodrigues, 2023).

Além disso, Neves *et al.*, (2023) destacaram que muitas mulheres, ao vivenciarem esse tipo de violência, afastam-se dos serviços de saúde, o que compromete o cuidado no puerpério e aumenta os riscos de morbimortalidade materno-infantil. Essa quebra na continuidade do cuidado revela o quanto a violência institucional compromete não apenas o bem-estar da mulher, mas também a efetividade das políticas públicas de atenção integral à saúde. Do ponto de vista das políticas de saúde, é fundamental reconhecer a violência obstétrica como uma violação dos direitos humanos e dos direitos sexuais e reprodutivos, sendo, portanto, uma questão de gênero (Rodrigues *et al.*, (2023)

A violência obstétrica é uma realidade ainda presente nos serviços de saúde, refletindo práticas que violam os direitos humanos e reprodutivos das mulheres, muitas vezes naturalizadas no cotidiano assistencial, comprometendo diretamente os princípios da humanização do parto, ao desconsiderarem a autonomia da mulher, desrespeitarem sua dignidade e promoverem uma assistência centrada em intervenções excessivas e hierarquias autoritárias (Andrade *et al.*, 2025).

A superação dessa problemática requer ações integradas, incluindo a reformulação dos currículos de formação em saúde, com ênfase em ética, direitos humanos e humanização do parto; o fortalecimento de estratégias de empoderamento feminino; e a criação de canais seguros e eficazes

para denúncia e responsabilização dos profissionais envolvidos em atos de violência (Bezerra *et al.*, 2022; Lemos *et al.*, 2019).

Cabe destacar ainda que a presença de acompanhantes, a liberdade de posição no parto, o uso racional de intervenções, e a escuta ativa à gestante são práticas recomendadas pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo consideradas pilares da assistência obstétrica humanizada, portanto a ausência dessas práticas, caracteriza uma assistência centrada no profissional e não na mulher, violando seu direito ao cuidado respeitoso (Lima *et al.*, 2022).

## 5 CONCLUSÃO

A violência obstétrica continua sendo uma prática recorrente que afeta significativamente a experiência do parto e do pós-parto, comprometendo não apenas a integridade física das mulheres, mas principalmente sua saúde emocional. A depressão pós-parto, dificuldades no vínculo com o bebê, insatisfação com o serviço de saúde e perda de confiança nos profissionais, estão associados aos atos de violência obstétrica sofrido pelas mulheres. Destaca-se ainda, que a falta de capacitação sobre humanização do parto, falta de informação sobre os direitos das mulheres na assistência ao parto e nascimento e falta de adesão às boas práticas obstétricas contribuem para a violência obstétrica.

Os achados demonstram que práticas respeitosas e centradas na mulher ainda são exceção, e que a ausência de políticas respeitosa e centradas na mulher ainda são exceção, e que a ausência de políticas efetivas de enfrentamento à violência obstétrica compromete a consolidação de um cuidado humanizado.

Dessa forma, a promoção do parto humanizado requer não apenas a reformulação de protocolos e práticas profissionais, mas também o fortalecimento de políticas públicas que asseguram os direitos das gestantes e o protagonismo feminino no processo de nascimento, contribuindo para transformar o modelo de atenção obstétrica a um cuidado mais justo, ético e respeitoso.

Destaca-se ainda que a educação em saúde representa uma ferramenta fundamental na prevenção da violência obstétrica, contribuindo para incentivar a autonomia, a qualidade da assistência e disseminação de informação sobre os direitos da mulher. Nesse sentido é importante que os profissionais de saúde estejam capacitados para esclarecer as dúvidas e orientar de forma clara, contribuindo para a assistência humanizada.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, H. S. et al. Educação em saúde como forma de prevenção da violência obstétrica: uma revisão integrativa. *Revista Nursing*, Osasco, v. 29, n. 322, p. 10618-10623, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2025v29i322p10618-10623>. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3329/4056>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- BARBOZA, E. M. et al. Violência obstétrica e humanização do parto: uma revisão crítica sob a ótica da enfermagem. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 564-581, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17281/9763>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- BEZERRA, B. B. et al. O cenário da violência obstétrica no Brasil: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Case Reports*, Fortaleza, v. 2, Supl. 3, p. 744-749, 2022. DOI: <https://doi.org/10.52600/2763-583x.bjcr.2022.2.suppl.3.744-749>. Disponível em: [https://bjcasereports.com.br/index.php/bjcr/article/view/conais22\\_744\\_749/conais22\\_744\\_749](https://bjcasereports.com.br/index.php/bjcr/article/view/conais22_744_749/conais22_744_749). Acesso em: 14 abr. 2025.
- CANTANHEDE, L. L. et al. Violência obstétrica e atendimento humanizado do parto: uma revisão integrativa de literatura sobre a capacitação dos enfermeiros. *Revista da Faculdade Supremo Redentor*, Pinheiro-MA, v. 4, n. 2, 2024. Disponível em: <https://revista.facsur.net.br/index.php/rf/article/view/37/36>. Acesso em 16 abr. 2025.
- CARDEAL, Érika Rayane do Amaral; BRITO, Eveline Ferreira de. A violência obstétrica e suas implicações na saúde mental da mulher parturiente. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, São Paulo, ano 6, ed. 9, v. 5, p. 27-55, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/355554915\\_A\\_violencia\\_obstetrica\\_e\\_suas\\_implicacoes\\_na\\_saude\\_mental\\_da\\_mulher\\_parturidade](https://www.researchgate.net/publication/355554915_A_violencia_obstetrica_e_suas_implicacoes_na_saude_mental_da_mulher_parturidade). Acesso em: 16 abr. 2025.
- CASTRO, A.T. B.; ROCHA, S. P. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 176-181, 2020. Disponível em: [https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles\\_xml/2357-707X-enfoco-11-01-0176/2357-707X-enfoco-11-01-0176.pdf](https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-11-01-0176/2357-707X-enfoco-11-01-0176.pdf). Acesso em: 13 abr. 2025.
- CONCEIÇÃO, H. N. da et al. Desrespeito e abuso durante o parto e depressão pós-parto: uma revisão de escopo. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 5, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT236922>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vQtcLgTDqdB7sN8mKxTc5ZS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 abr. 2025.
- LEITE, T. H. et al. The association between mistreatment of women during childbirth and postnatal maternal and child health care: findings from “Birth in Brazil”. *Women and birth*, v. 35, n. 1, p. e28-e40, 2021. DOI: 10.1016/j.wombi.2021.02.006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1871519221000354?via%3Dihub>. Acesso em: 16 abr. 2025.

LEMOS, T. A. B. et al. Humanização como forma de superação da violência obstétrica: papel do enfermeiro. Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 23, e207, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e207.2019>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/207/421>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LIMA, L. C.; SALGUEIRO, L. C. S.; SANTOS, T. S. A importância da enfermagem nos cuidados contra a violência obstétrica. Brazilian Journal of Health Review, São José dos Pinhais, v. 5, n. 3, p. 11295-11308, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/49309/pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MACHADO, D. S.; BARROS, S. L.; GUIMARÃES, T. M. M. Violência obstétrica e reflexos na vida da mulher: uma revisão integrativa. Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 6, e6110615634, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15634>. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/rsd/article/view/15634/13860>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MEDEIROS NETO, H. S. et al. Violência obstétrica institucional no parto e nascimento: revisão integrativa. Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 11, e039119546, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.9546>. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/rsd/article/view/9546/8472>. Acesso em: 16 abr. 2025.

OLIVEIRA, M. R .R.; ELIAS, E. A.; OLIVEIRA, S. R. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. Revista de Enfermagem UFPE on line, Recife, v. 14, e243996, 2020. DOI: 10.5205/1981-8963.2020.243996. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243996/35217>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Recomendações da OMS para o parto normal. Genebra: OMS, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/intrapartum-care-guidelines/en/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PINHEIRO, P. J. S.; BARBOSA, G. C.; RODRIGUES, M. D. Reflexos da violência obstétrica na saúde mental das mulheres: uma revisão integrativa da literatura. Brazilian Journal of Health Review, São José dos Pinhais, v. 5, n. 5, p. 1920-1942, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p1920-1942. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/759>. Acesso em: 16 abr. 2025.

RODRIGUES, E. C. G.; FERREIRA, T. G. C.; SILVA, I. L. C. Cuidados de enfermagem na violência obstétrica: revisão de literatura. Revista Eletrônica Acervo Enfermagem, v. 23, n. 1, e11582, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25248/reaenf.e11582.2023>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/11582/7080>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SILVA, W. B. et al. Educação em saúde acerca da prevenção da violência obstétrica: relato de experiência. Revista Eletrônica Acervo Saúde, Pernambuco, v. 11, n. 14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e1163.2019>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1163/730>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SILVEIRA, M. F. et al. The association between disrespect and abuse of women during childbirth and postpartum depression: findings from the 2015 Pelotas birth cohort study. *Journal of Affective Disorders.* v. 256, p. 441-447, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.06.016>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6880287/pdf/main.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SOUTO, R. E. M. et al. Formas e prevalência da violência obstétrica durante o trabalho de parto e parto: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFPE On line*, Recife, v. 16, n. 1, e253246, 2022. DOI: 10.5205/1981-8963.2022.253246. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/253246/42458>. Acesso em: 15 abr. 2025.